

DIÁLOGO DO PRÍNCIPE E NOBILÍSSIMO JOVEM PEPINO COM O PROFESSOR ALBINO

Costrino, Artur

DIÁLOGO DO PRÍNCIPE E NOBILÍSSIMO JOVEM PEPINO COM O PROFESSOR ALBINO

Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 34, núm. 2, 2021

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, Brasil

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601768090010>

DOI: <https://doi.org/10.24277/classica.v34i2.921>

Traduções

DIÁLOGO DO PRÍNCIPE E NOBILÍSSIMO JOVEM PEPINO COM O PROFESSOR ALBINO

DIALOGUE BETWEEN THE PRINCE AND THE
MOST NOBLE YOUNG PIPPIN WITH PROFESSOR
ALBINUS

Artur Costrino artur.costrino@gmail.com

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-2178-4284>

Classica - Revista Brasileira de Estudos
Clássicos, vol. 34, núm. 2, 2021

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos,
Brasil

Recepción: 14 Septiembre 2020
Aprobación: 12 Diciembre 2020

DOI: [https://doi.org/10.24277/
classica.v34i2.921](https://doi.org/10.24277/classica.v34i2.921)

Redalyc: [https://www.redalyc.org/
articulo.oa?id=601768090010](https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601768090010)

Resumo: Apresento aqui nova tradução completa e anotada em português do texto *Disputatio regalis et nobilissimi iuvenis Pippini cum Albino scholastico*. Esse importante texto de caráter didático é composto quase que inteiramente a partir de outros textos anteriores que circulavam nos domínios carolíngios e evidencia o processo de composição de Alcuíno de Iorque, baseado, senão na emulação, certamente na prática da coleção e mistura de exemplos passados. A tradução acompanha breve introdução e notas que explicitam as respostas dos enigmas mais difíceis.

Palavras-chave: Alcuíno, diálogo, educação, renascimento Carolíngio.

Abstract: I present here a new and complete translation in Portuguese of the text *Disputatio regalis et nobilissimi iuvenis Pippini cum Albino scholastico*. This important educational text is composed almost entirely from other previous texts that circulated in the Carolingian domains and shows the process of composing of Alcuin of York, based, if not on emulation, certainly on the practice of the collection and mixture of past examples. The translation accompanies a brief introduction and notes explaining the answers to the most difficult puzzles.

Keywords: Alcuin, dialogue, education, Carolingian Renaissance.

Introdução

Alcuíno de Iorque (*Flaccus Albinus Alcuinus*, mas também conhecido por seus nomes anglo-saxões, *Ealhwine*, por exemplo), nascido por volta do ano 735 e morto em 804 da nossa era, foi um dos pensadores, poetas e executores mais importantes do chamado “Renascimento Carolíngio” (Bullough, 2004). Sob o domínio de Carlos Magno, Alcuíno exerceu incomparável influência como principal conselheiro do rei/imperador e, principalmente, como um dos principais professores da escola palatina, encarregado da educação não só dos filhos da família real como também do projeto de letramento de todo o império.¹

O texto a seguir foi escrito provavelmente na década 790, enquanto Alcuíno trabalhava no palácio em Aachen. Nesse período, antes de sua nomeação como abade de São Martinho em Tours em 796, teria escrito sua obra, a maioria composta de diálogos, dedicada às artes liberais e à educação.²

Como era frequente em Alcuíno e seus contemporâneos, o engenho do autor não estava na capacidade de criar algo “original”, mas em usar, copiar e combinar textos mais antigos de modo a reinserti-los em debates ou, como era provavelmente o caso, em sala de aula. De fato, o diálogo apresentado aqui, embora curto, é uma mistura de diferentes textos antigos, de gêneros distintos.

O diálogo (de certa forma epistolar, como podemos ver pela última linha) de Alcuíno é uma mistura de diálogo sapiencial e enigmas. Dois gêneros que já tinham uma longa história, separadamente, desde o final da Antiguidade e que Alcuíno combina e condensa em um único diálogo.

³ Este é uma conversa entre o professor Alcuíno, denominado “Albino” no texto, e Pepino, filho de Carlos Magno. Evidentemente, a veracidade da conversa não é verificável ou importante para o gênero. Alcuíno usa da presença da personagem da família real para elevar a importância e acesso de seu texto, como já fizera em seus outros diálogos em que o interlocutor é o próprio rei Carlos Magno.

Para a tradução, baseei-me na edição da *Patrologia Latina* (1844). As notas, que concernem aos enigmas mais obscuros para o público contemporâneo, foram feitas com base em outros textos que já se dedicaram ao estudo desta obra didática do professor de Iorque, como Bayless (in Halsall, 2004), Beeson e Orchard.

Referências

ALCUINUS. Patrologia Latina. Ed. Jacques Paul Migne. Paris, 1844. Volume
MPL 101 – Colunas 0975-0980B. Disponível em: https://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_0735-0804__Alcuinus__Pippini_Regalis_Et_Nobilissimi_Juvenis_Disputatio_Cum_Albino_Scholastico__MLT.pdf.html. Acesso em: 14 set. 2020.

BAYLESS, Martha. Alcuin's *Disputatio Pippini* and the Early Medieval Riddle Tradition. In: HALSALL, Guy (ed.). *Humour, History and Politics*

- in Late Antiquity and the Early Middle Ages. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 157-78.
- BEESON, Charles Henry. A primer of medieval Latin, an anthology of prose and poetry. Chicago: Scott Foresman and Company, 1953.
- BITTERLI, Dieter. Say what I am called: the old English riddles of the Exeter Book and the Algo-Latin riddle tradition. Toronto: University of Toronto Press, 2009.
- BROWN, Giles. Introduction: The Carolingian Renaissance. In: McKITTERICK, Rosamond (ed.). Carolingian culture: emulation and innovation. Cambridge University Press, 1994, p. 1-51.
- BULLOUGH, Donald Auberon. Alcuin [Albinus, Flaccus] (c. 740-804), abbot of St Martin's, Tours, and royal adviser. Oxford Dictionary of National Biography (on-line). 23 Sep. 2004. Acesso em: 14 set. 2020.
- COSTRINO, Artur. Alcuin's *Disputatio de rhetorica*: A critical edition with studies of aspects of the text, the stemma codicum, the didactic diagrams and a reinterpretation of sources for the problem of the duality of the dialogue. Doctor of Philosophy – Medieval Studies, York, University of York, 2016. Disponível em: <http://etheses.whiterose.ac.uk/17792/>.
- GARRISON, Mary. The library of Alcuin's York. In: GAMESON, Richard (ed.). The Cambridge history of the book in Britain. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 633-64.
- HALSALL, Guy (ed.). Humour, History and Politics in Late Antiquity and the Early Middle Ages. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- LAUAND, Luiz. Diálogo entre Pepino e Alcuíno. *Videtur*, n. 16, p. 73-82, 2002.
- McKITTERICK, Rosamund (ed.). Carolingian Culture: emulation and innovation. Cambridge University Press, 1994.
- ORCHARD, Andy. Alcuin's educational dispute: the riddle of teaching and the teaching of riddles. In: IRVINE, Susan; RUDOLF, Winfried (ed.). Childhood and adolescence in Anglo-Saxon literary culture. Toronto: University of Toronto Press, 2018, p. 162-201.
- SCHECK, Helene. Reform and resistance, formations of female subjectivity in early medieval ecclesiastical culture. Albany: Suny Press, 2008.

Notas

1 Para maiores informações sobre o a Renascença Carolíngia e o papel de Alcuíno nela, v. Brown, 1994.

2 Para uma maior discussão sobre a data de composição dos diálogos didáticos, v. Costrino, 2016, p. 15-27.

3 A primeira parte deste diálogo de Alcuíno segue, de forma bem próxima, o diálogo *Alteratio Hadriani Augusti et Epicteti Philosophi*, e também o diálogo *Disputatio Hadriani cum secundo philosopho*. Já na parte final, em que se encontram os enigmas, Alcuíno os busca nos *Aenigmata* de Sifônio, nos *Aenigmata* de Adelmo e na coletânea de Pseudo-Beda, dentre outros textos, incertos. A forma quase cristalizada de como começam os enigmas, a saber: "Vidi (Eu vi)" reflete não apenas a tradição latina, mas, principalmente, a forma encontrada com muita frequência no livro de Exeter, escrito em anglo-saxão: "Ic (ge)seah". Anglo-saxão que é a língua mãe de Alcuíno. Para maiores informações sobre, v. as obras de Bayless (2004), Orchard (2018) e Bitterli (2009).

4 Sinos.

5 Uma panela sobre o fogão.

6 Lêndeas ou pulgas.

7 Pinto no ovo.

8 Eco.

9 Um peixe no rio.

10 Um sonho.

11 Uma pessoa em um sonho.

12 Fogo gerado a partir de gravetos.

13 A resposta desse enigma requer conhecimento de uma forma específica de contagem escolástica. Tal forma de contagem com as mãos remonta ao período clássico e sobrevive descrita em diversos manuscritos medievais. Por exemplo, em Beda, *Opera de temporibus* (in Halsall, 2004, p. 172): “Cum ergo dicis unum, minimum in laeva digitum inflectens, in medium palmae artum infiges. Cum dicis duo, secundum a minimo flexum, ibidem impones. Cum dicis tria, tertium similiter adflectes. Cum dicis quattuor, itidem minimum leuabis. Cum dicis quinque, secundum a minimo similiterer iges. Cum dicis sex, tertium nihilominus eleuabis, medio dumtaxat solo, qui medicus appellatur, in medium palmae fixo. Cum dicis septem, minimum solum, caeteris interim leuatis, superpalmae radicem pones. Iuxta quem cum dicis octo, medicum.” “Quando, portanto, você diz ‘um’, sobre o dedo mínimo da mão esquerda e coloque a ponta no meio da palma. Quando você disser ‘dois’, sobre o segundo dedo, ao lado do menor, e coloque-o lá da mesma forma. Quando você disser ‘três’, sobre o terceiro dedo da mesma forma. Quando você disser ‘quatro’, levante o dedo mínimo novamente. Quando você disser ‘cinco’, levante o segundo dedo, ao lado do dedo mínimo, da mesma maneira. Quando você diz ‘seis’, você deve levantar o terceiro dedo, com o dedo médio [entre o terceiro dedo e o dedo mínimo – ou seja, o dedo anular], que é chamado de *medicus*, colocado sozinho no meio da palma. Quando você disser ‘sete’, coloque o dedo mínimo sozinho na palma da mão, levantando o resto. Quando você disser ‘oito’, coloque o dedo anelar ao lado dele.” Assim então nos explica Bayless (2004, p. 173): O sinal para o oito, então, é dobrar o dedo mínimo e o anelar para baixo; o sinal para sete é segurar apenas o dedo mínimo para baixo, e o sinal para seis é manter apenas o dedo anelar para baixo. Assim, fazer o sinal de oito – ou, como diz Alcuíno, “segure o oito na mão” – e, de repente, retirar o sinal do sete realmente produz o sinal do seis.

14 Travesseiro.

15 Adão; Enoque ou Elias; Lazarus. Os numerais ‘I.’ e ‘V.’ começando as respostas se referem claramente ao lugar da letra no alfabeto: ‘i’ é o A de Adão e ‘v’ o E de Enoque e Elias. O número ‘XXX’ era representado pelo Lambda grego em certos documentos medievais, e o lambda então representa o L de Lázaro. Adão, sendo feito de terra, é equivalente a ele; Enoque e Elias servem como antítipos de Cristo; e Lázaro era um homem pobre.

16 Uma flecha.